

CRISE

“Infecção” política mata bebês em Roraima

Partidos 'lavam as mãos' enquanto a falta de higiene provoca óbitos em série em maternidade

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

BOA VISTA — O minizão do horror chegou atrasado a Boa Vista. Veio da Venezuela com um touro de três chifres e três olhos, uma porca sem pescoço batizada de Madonna e uma vaca com seis patas. Diante de um povo que viu a morte em série de mais de 30 bebês ninados com o Hino Nacional num “berço esplêndido”, contagiado por uma infecção hospitalar e política em Roraima, aberrações da natureza são contos da carochinha.

A bactéria que infestou o Hospital-Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré foi identificada como *Acinetobacter calcoaceticus*, típica de ambiente hospitalar. Os micróbios políticos, mais fugazes, entraram em guerra verbal em Boa Vista, uma cidade em que médicos seguem receitas partidárias, estão no poder ou têm parentes poderosos. O promotor público de Roraima investiga um infanticídio. A minoria de oposição na Assembléia Legislativa quer uma Comissão Parlamentar de Inquérito.

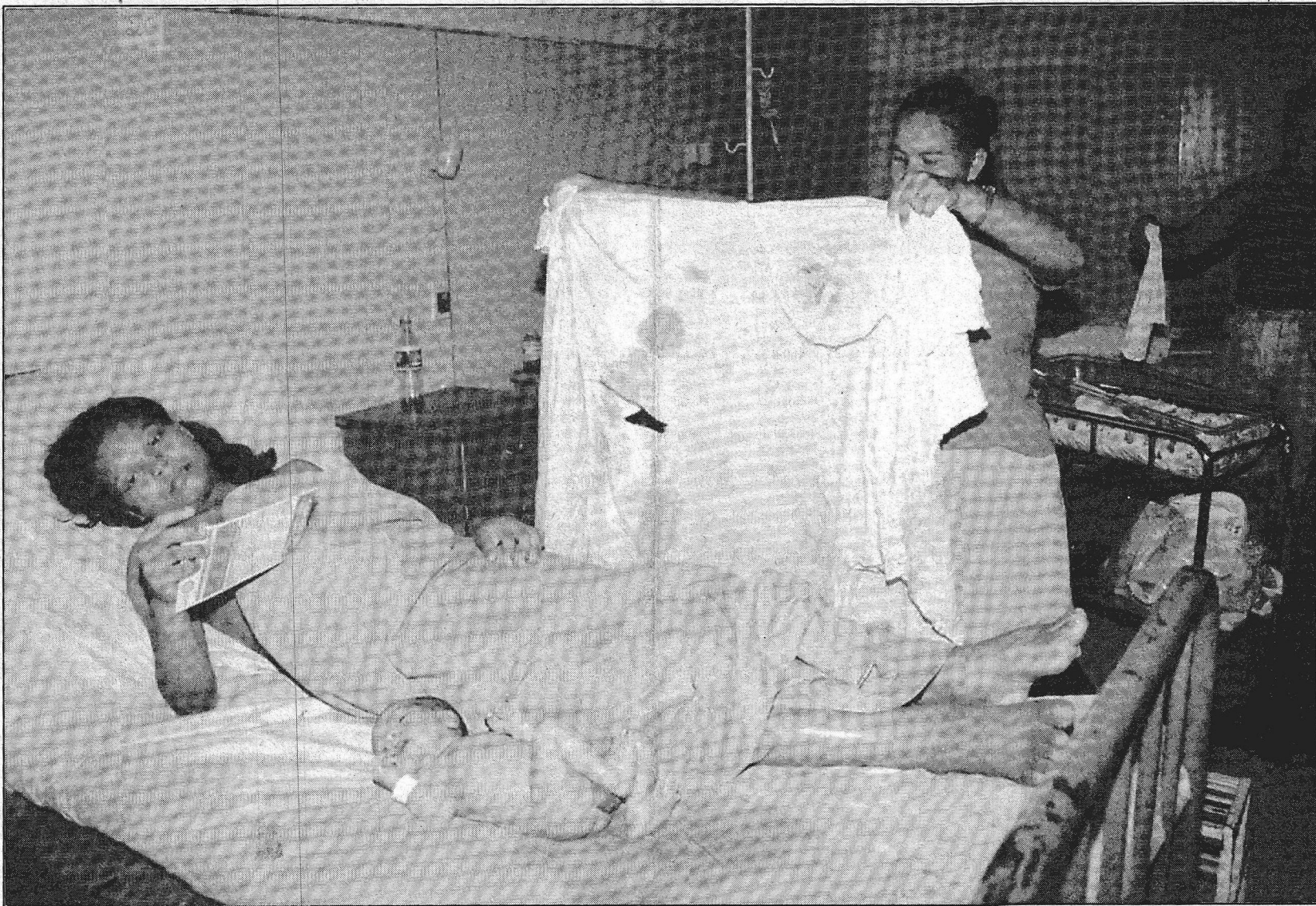
A infecção hospitalar no “Amigo da Criança”, título dado pelo Unicef ao hospital-materno, único público de Roraima, grassou enquanto o PMDB e o PPB discutiam falta de higiene em berçário, centros cirúrgicos e enfermarias, desde julho de 1995, por meio de ofícios. Começou a matar bebês com menos de um mês de vida um ano depois, em agosto. Não se sabe nem quantos: o livro de registro de óbitos está desaparecido. Como informou a *Folha de Boa Vista*, “agora nenhum funcionário tem informação alguma sobre os óbitos daquelas mortes” (sic).

De janeiro até a semana passada, 555 crianças mortas com menos de 1 ano, entre elas 426 com menos de um mês, foram enterradas nos cemitérios Nossa Senhora da Conceição e Parque da Saudade, excluídas as índias, que são levadas para as aldeias dos pais. O hospital-materno faz a média de 600 partos por mês, 98% de Roraima, onde a mortalidade infantil oficial está em 36,60 por mil bebês.

Por uma conta da Secretaria da Saúde, 15 das mortes de outubro podem ser atribuídas a infecção hospitalar. Mas há mais 7 crianças sendo tratadas com o antibiótico Tienam 500, recomendado contra a *Acinetobacter calcoaceticus*, muito resistente. A imprensa local já chegou a 37 mortos. Os jornais nacionais contam 34 ou 35, mas incluem uma criancinha já nascida com problemas de oxigenação ainda no útero materno, ou vítimas de anoxia e outros problemas respiratórios da prematuridade. Uma controversa exumação de oito corpos, considerada inútil, feita na sexta-feira, é uma tentativa de estabelecer o total ceifado pela infecção hospitalar. O promotor da Infância e Juventude do Ministério Público de Roraima, Marcos Regenold Fernandes, que pode pedir a exumação de outros 13 corpos, desconfia de “atestados de óbito maquiadados”.

A discussão do número de bebês mortos parece com a da higiene iniciada há um ano entre o grupo do PMDB, que dirigia o hospital-materno até 20 de outubro, e o PPB do governador Neudo Ribeiro Campos. Enquanto políticos “lavavam as mãos”, distraídos, as enfermeiras, não. “Não há uma conduta de lavagem de mãos ao entrar no berçário e antes e após o manuseio do recém-nascido”, denunciaram ao ministro Adib Jatene as pesquisadoras da Fundação Osvaldo Cruz despachadas para Roraima, Elisabeth Lopes Moreira e Noélia Ladislau Leite.

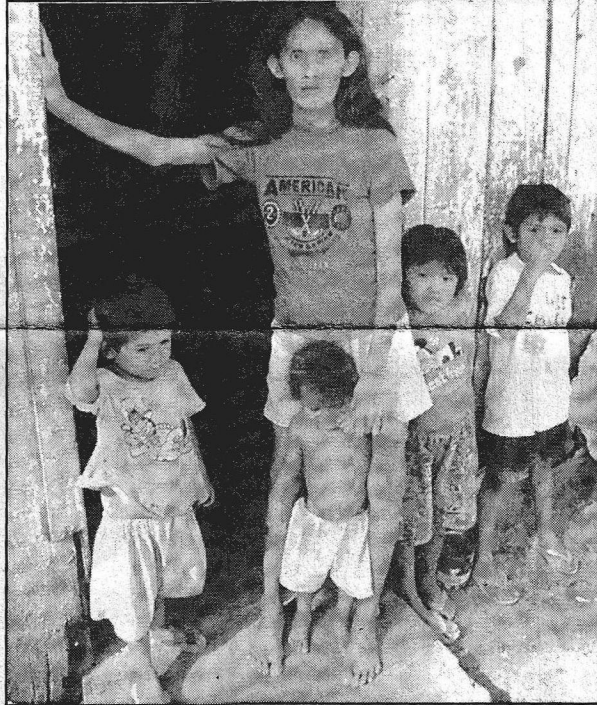
“Não existem normas e rotinas para limpeza e desinfecção de superfícies e equipamentos”, acrescentaram. E mais: “A situação é caótica em relação aos registros.” E mais: “Não existe na maternidade uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar atuante, com pelo menos um enfermeiro e um médico exclusivos nesta função, conforme o exigido pela portaria 930 de 1992 do Ministério da Saúde.” E mais: “Circulação de pessoal com roupa do centro cirúrgico dentro e fora da área do hospital e retorno posterior ao centro cirúrgico.” E mais: “Verificamos ausência de pessoal com atribuições de chefia capazes de estabelecer normas e rotinas e implementá-las, tanto a nível médico como de enfermagem.” E mais: “Em resumo, não há uma estrutura de serviço, com funções hierarquicamente definidas que permita ações planejadas e integradas para um atendimento de qualidade.”



Sem berço e sem fralda, recém-nascido divide cama com a mãe na enfermaria: sangue e urina se misturam nas roupas



Jairo Sales cava sepulturas em série para crianças: prevenção contra atropelos



Marlene e quatro de seus filhos: partos no quintal